


Análise sociolinguística do longa-metragem *O auto da compadecida*¹

ISABELLA VIANA PICCIOLLI

Graduanda em Letras – Língua Portuguesa
Universidade Regional do Cariri (URCA/*Campus* Missão Velha)
E-mail: isabella.vpicciole@urca.br

 ORCID: 0000-0002-7228-8985.

MARIA LIDIANE DE SOUSA PEREIRA

Doutora em Linguística Aplicada (POSLA/UECE)
Universidade Regional do Cariri (URCA/*Campus* Missão Velha)
E-mail: lidiane.pereira@urca.br

 ORCID: 0000-0002-0048-1321

YARA RIBEIRO DE HOLLANDA

Mestre em Letras (PPGL/URCA)
Universidade Regional do Cariri (URCA/*Campus* Pimenta)
E-mail: yara.hollanda@urca.br

 ORCID: 0000-0002-7081-1883

Revista Falange Miúda
ISSN 2525-5169

Periodicidade:
Fluxo contínuo

Volume 7
Número 1

Recebido em: 15/03/2022
Aprovado em: 27/05/2022

Resumo

À luz da Sociolinguística, realizamos, neste artigo, uma análise do longa-metragem *O auto da compadecida*. Para tanto, selecionamos quatro trechos de falas que marcam a interação entre os protagonistas da trama, a saber: Chicó e João Grilo. A partir disso, objetivamos identificar alguns fenômenos de variação linguística presentes nesses trechos. De igual modo, nos esforçamos para compreender como determinados fenômenos de variação linguística contribuem para a construção de suas identidades sociais. A análise das falas selecionadas para este estudo revela uma considerável gama de diferentes fenômenos de variação linguística como, por exemplo, o alteamento da vogal pretônica /E/; o alteamento da pretônica /O/; a simplificação do ataque silábico complexo; a desnasalização; a monotongação; a queda da concordância verbal e nominal etc. Dentre as conclusões a que chegamos, cabe salientar que a heterogeneidade linguística assinala a linguagem dos personagens Chicó e João Grilo, figurando não apenas como um elemento marcante de suas falas, mas também como fenômeno essencial para a construção das identidades sociais dos protagonistas do longa-metragem *O auto da compadecida*

Palavras-chave:

O auto da compadecida; Sociolinguística; Variação linguística

¹ Registramos nossos agradecimentos aos(as) pareceristas anônimos(as) pelas valorosas recomendações de revisões, bem como sugestões de melhorias para este trabalho. Quaisquer lacunas remanescentes são de inteira responsabilidade das autoras.

1 Introdução

Com base nos postulados da Sociolinguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]; CALVET, 2002), este artigo compreende uma análise do longa-metragem *O auto da compadecida*. Como ponto de partida, temos os seguintes questionamentos: a) quais fenômenos variáveis constituem trechos de falas dos protagonistas do longa, Chicó e João Grilo? e b) de que modo alguns fenômenos de variação linguística contribuem para a construção das identidades sociais dos protagonistas da trama?

Diante de tais questionamentos, objetivamos analisar quais fenômenos² de variação linguística estão presentes em trechos de fala das protagonistas do longa-metragem e refletir sobre como esses fenômenos contribuem para a construção de suas identidades sociais. Dessa forma, entendemos que a análise sociolinguística do longa – que pode ser apontado como uma das grandes obras do cinema brasileiro – se faz relevante à medida que nos ajuda a compreender como questões linguísticas, mais especificamente de variação linguística, que aparecem na trama contribuem, dentre outros aspectos, para a construção das identidades sociais dos personagens. Acreditamos que este trabalho pode contribuir para as discussões acerca do caráter essencialmente heterogêneo do Português do Brasil (doravante PB), bem como para as reflexões acerca dos muitos papéis da heterogeneidade linguística em relação à construção de identidades sociais.

Cabe salientar, ainda, que, até a finalização deste estudo, não localizamos pesquisas sociolinguísticas sobre o longa *O auto da compadecida*. Há, no entanto, o trabalho de Pinto (2021) – com o qual também dialogamos – sobre a peça, de mesmo nome, escrita por Ariano Suassuna e na qual o longa-metragem é baseado

Em termos de organização, dividimos este artigo em cinco seções. A primeira compreende esta Introdução, na qual assinalamos a temática, os questionamentos e objetivos do trabalho. Na seção 2, colocamos em pauta algumas questões e conceitos que fundamentam a abordagem sociolinguística das línguas naturais. A seção 3, por sua vez, é dedicada à discussão dos Procedimentos metodológicos adotados para a realização deste trabalho. Na seção 4, apresentamos a Análise e discussão dos dados levantados. Temos, por fim, as Considerações finais.

² A esse respeito, esclarecemos que optamos por não limitar a abordagem de fenômenos variáveis presentes em um nível específico de análise linguística (fonético-fonológico, lexical, morfológico, sintático, morfossintático, pragmático-discursivo). Essa opção pode ser justificada por dois motivos. Primeiro, a restrição da análise a um ou outro nível linguístico poderia limitar nossa visão acerca dos fenômenos variáveis encontrados nas falas selecionadas. Segundo, os fenômenos de variação linguística presentes nos trechos das falas selecionadas ocorrem em diferentes dimensões linguísticas marcadas essencialmente pela interdependência, tanto que sua “existência em separado só é possível no plano abstrato” (MARGOTTI; MARGOTTI, 2011, p. 11). Logo, afirmar com exatidão em que nível de análise começa e termina um dado fenômeno variável, em muitos casos, não é possível.

2 O estudo da língua/linguagem sob o olhar da Sociolinguística

Há pouco mais de um século, no ano de 1916, mais exatamente, foi publicada a obra conhecida, hoje, como essencial para o nascimento da Linguística moderna. Estamos nos referindo ao célebre Curso de Linguística Geral (doravante CLG), organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, cujas ideias são atribuídas³ ao linguista e filósofo genebrino Ferdinand de Saussure. Conforme o CLG, Saussure (2012 [1916]) entende a língua como um fenômeno essencialmente homogêneo e que deve ser estudado sob uma perspectiva sincrônica, em contraste com a longa tradição diacrônica ou histórica que marcou o estudo das línguas naturais no século XIX (WEEDWOOD, 2002; FIORIN; FLORES; BARBISAN, 2013; MOURA; CAMBRUSSI, 2018).

Além de ser colocado no centro das investigações linguísticas, o estruturalismo europeu – corrente diretamente relacionada ao nome de Saussure – defende o estudo da língua dissociada de sua materialização na fala e, conseqüentemente, do meio social no qual surge e funciona. Essa postura não apenas figura como uma das principais questões epistemológicas que marcam o estruturalismo linguístico, como também deixou em segundo plano – o que na prática resultou em exclusão – uma série de fenômenos materializados na fala com implicações diretas na língua enquanto sistema (ALVES, 2011). Dentre esses fenômenos, destacamos a variação linguística, fruto da heterogeneidade própria a toda e qualquer língua natural.

Ao longo dos anos, diversos estudiosos reconheceram a inestimável relevância das ideias difundidas no CLG para a solidificação da Linguística enquanto ciência, sem, contudo, deixar de se opor a muitos dos postulados estruturalistas. Como exemplo, já na década de 1920, o russo Mikhail Bakhtin, e o que ficou conhecido como o Círculo de Bakhtin, questiona o suposto caráter homogêneo da língua/linguagem defendida no CLG, bem como o estudo do fenômeno linguístico isolado do meio social. Para Volochínov (2014 [1929], p. 128, grifos do autor), “A língua vive e evolui historicamente na *comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua [...]*”.

Não há dúvidas da importância dos postulados bakhtinianos para o desenvolvimento da Linguística tal como a conhecemos hoje. Todavia, entendemos que foi com o “surgimento” da Sociolinguística, na primeira metade da década de 1960, que os estudos acerca das correlações entre língua e sociedade se tornaram mais expressivos. Afinal, é com a Sociolinguística que as bases teóricas e

³ Falecido no ano de 1913, na cidade de Genebra, Suíça, Saussure não escreveu o CLG. A obra é fruto de anotações tomadas por seus alunos, durante um Curso de Linguística Geral, ministrado pelo mestre genebrino entre os anos de 1907, 1908/1909 e 1910/1911, na Universidade de Genebra. Essas anotações foram compiladas por Bally e Sechehaye, que não participaram do curso (FIORIN; FLORES; BARBISAN, 2013).

metodológicas⁴ para o estudo da língua no meio social são estabelecidas com precisão (CAMACHO, 2012). Para tanto, são fundamentais as ideias desenvolvidas nas pesquisas do linguista norte-americano William Labov.

Em sentido oposto ao Estruturalismo, Labov (2008 [1972]) compreende a língua como um fenômeno variável, mutável e cuja heterogeneidade não é aleatória, caótica, mas sim como uma de suas propriedades centrais e passível de análise sistemática. Essa concepção de língua está na base do pensamento sociolinguístico e abriu espaço para a consideração de uma série de fenômenos resultantes da heterogeneidade linguística.

A partir dessa compreensão, Labov (2008 [1972]) toma a relação entre língua e sociedade como objeto de investigação, entendendo que a desconsideração dessa estreita relação oferece uma visão quase ínfima do fenômeno linguístico. Logo, é da língua falada por sujeitos reais, em situações de interação social de que se ocupa a Sociolinguística.

Importante reforçar que, tendo em vista os muitos fenômenos que emergem da complexa relação entre língua e sociedade, os(as) sociolinguistas centram-se, dentre outras questões, nos inúmeros fenômenos de variação linguística. Nesse cenário, dizer que as línguas variam implica reconhecer, de início, a existência de formas linguísticas distintas que possuem o mesmo valor referencial, isto é, formas linguísticas diferentes, mas capazes de transmitir a mesma informação. Estamos nos referindo às chamadas variantes linguísticas que compõem uma determinada regra variável (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

De maneira mais precisa, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) explicam que a língua comporta não apenas regras categóricas — que não permitem variação — mas, também, e certamente em maior número, regras variáveis com suas formas variantes. As variantes linguísticas, portanto, oferecem formas diferentes para “[...] dizer a ‘mesma coisa’: ou seja, para cada enunciado em *A* existe um enunciado em *B* que oferece a mesma informação referencial [...] e não pode ser diferenciado exceto em termos da significação global que marca o uso de *B* em contraste com *A* [...]” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), p. 97, grifo dos autores).

No Quadro 1, exemplificamos os conceitos de variável⁵ e variantes linguísticas a partir de dois fenômenos presentes atualmente no PB:

⁴ Sobre a dimensão metodológica da Sociolinguística, sobretudo, a vertente variacionista, recomendamos a leitura de Tarallo (1985) e Mollica e Braga (2012).

⁵ Conforme Mollica (2012, p. 11, grifos da autora), “[...] o termo “variável” pode significar fenômeno em variação e grupos de fatores. Estes consistem nos parâmetros reguladores dos fenômenos variáveis, condicionando positiva ou negativamente o emprego de formas variantes”

Quadro 1 – Exemplos de fenômenos variáveis e suas variantes do PB

Variável linguística	Variantes
Concordância verbal de número com a primeira do plural	nós vendemos nós vendeØ ⁶
Rotacismo – troca do ‘l’ pelo ‘r’	Bicicleta bicicreta

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Como vemos, a concordância verbal de número com a primeira do plural é um exemplo de regra variável, ou variável linguística, pois figura como o ‘lugar’ da língua que permite variação (COELHO *et. al.*, 2015), apresentando duas possibilidades linguísticas para se realizar: nós vendemos *vs.* nós vendeØ. O mesmo pode ser dito do fenômeno variável amplamente conhecido como rotacismo. Em termos simples, o rotacismo é marcado pela alternância fonético-fonológica da consoante alveolar ‘l’ por ‘r’, em palavras como *bicicleta vs. bicicreta*. Seja no caso da concordância verbal, seja no do rotacismo, a alternância entre uma variante e outra não implica mudanças no significado.

Na busca por explicações para fenômenos variáveis, a exemplo do rotacismo e da concordância verbal de número, os sociolinguistas entendem que o uso das formas alternantes não ocorre aleatoriamente, mas sim, mediante a atuação de grupos de fatores internos e/ou externos à língua enquanto sistema. Por exemplo, diferentes estudos⁷ comprovam a correlação entre o uso de variantes padrão⁸ (como nós vendemos e *bicicleta*, por exemplo) e variantes não padrão (como nós vendeØ e *bicicreta*) e o grau de escolarização dos falantes bem como sua aproximação da cultura letrada. Ocorre que quanto maior o nível de escolaridade, maior é a tendência de os falantes usarem as variantes padronizadas. Em sentido oposto, o uso de variantes não padrão é registrado com maior frequência na fala de sujeitos com pouca ou nenhuma escolaridade.

Do ponto de vista estritamente linguístico, não há dúvidas de que tanto as variantes padronizadas como as não padrão são igualmente eficazes para comunicar. Todavia, cabe-nos esclarecer que, socialmente, são atribuídos valores diferentes às variantes linguísticas. Ocorre que, quanto mais distante do padrão linguístico imposto socialmente, maiores são as chances de uma determinada variante ser estigmatizada socialmente. Ao contrário disso, as variantes que se enquadram no padrão linguístico valorizado em uma determinada sociedade são prestigiadas socialmente. Logo, variantes como *bicicreta*, são – ao menos nos grandes centros urbanos e entre sujeitos com alto grau de escolarização – desprestigiadas socialmente (CAMACHO, 2012).

⁶ Representação simbólica do morfema zero (Cf. Margotti e Margotti, 2011).

⁷ Cf. Vieira (1997), Agostinho (2013), Silva e Santos (2018).

⁸ Tendo em vista a polissemia do termo ‘padrão’ (Cf. Faraco e Zilles, 2017), pontuamos que, neste contexto, entendemos como variante padrão, as formas reconhecidas pela tradição gramatical; enquanto as variantes não padrão não são reconhecidas por esta mesma tradição.

Diante desse quadro, salientamos que o apagamento das variantes não padrão é constantemente buscado pelas ações normativas desempenhadas por instituições como a escola, bem como pelas mídias oficiais (SCHERRE, 2005). Além disso, não raramente, o uso das variantes desprestigiadas socialmente é associado à fala e/ou à escrita de sujeitos com baixo nível de escolaridade e, quase sempre, localizados na base da pirâmide social (SCHERRE, 2005; BAGNO, 2007a).

Uma vez assumida a indelével relação entre língua e seus (suas) falantes, só podemos concluir que, ao marginalizar determinadas variantes linguísticas, estamos marginalizando e, conseqüentemente, excluindo sujeitos(as) reais. É desse modo que

Em nome da *boa língua* pratica-se a injustiça social; muitas vezes humilhando um ser humano por meio da não aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor (SCHERRE, 2005, p. 43, grifos da autora).

Neste sentido, podemos dizer, juntamente com Calvet (2002), que o estudo da língua/linguagem no meio social oferece uma melhor compreensão não apenas da realidade do fenômeno linguístico, mas também nos ajuda a compreender como as identidades sociais se revelam, se constroem à medida que se usa com maior frequência uma ou outra variante linguística. Afinal, o modo como nos comportamos linguisticamente pode revelar a região em que nascemos ou residimos há muito tempo, nosso grau de contato com a cultura letrada, faixa etária, sexo ou gênero, dentre muitos outros fatores que assinalam nossas identidades sociais (PAGOTTO, 2001; PINTO, 2021).

À guisa de conclusão desta seção, ressaltamos que nos esforçamos para proporcionar à leitora/ao leitor um panorama sobre o modo como a Sociolinguística compreende o estudo das línguas naturais. Não podemos, no entanto, esquecer que lidamos com uma complexa área do conhecimento, com suas diferentes vertentes construídas e reconstruídas ao longo de mais de seis décadas (MOLLICA; FERRAREZI JR., 2016). Esse fato inviabiliza a abordagem de todas as questões teóricas e metodológicas que caracterizam a Sociolinguística.

Assim, priorizamos conceitos como variável e variantes linguísticas e questões como a construção de estigmas sociais em torno de determinadas formas variantes, bem como sua relação com as identidades sociais dos(as) falantes inseridos(as) em determinados grupos sociais. Afinal, independentemente da subárea da Sociolinguística em que nos inserimos, esses conceitos são bastante caros. Além disso, focamos nas questões e conceitos que amparam as discussões realizadas na seção da Análise e discussões dos dados.

3 Procedimentos metodológicos

Conforme assinalamos na Introdução, ao tomar o longa-metragem *O auto da compadecida* para análise sociolinguística, levantamos dois questionamentos: a) quais fenômenos variáveis constituem trechos de falas dos protagonistas do longa, Chicó e João Grilo? b) de que modo alguns fenômenos de variação linguística contribuem para a construção das identidades sociais dos protagonistas da trama?

Salutar esclarecer que, diante da impossibilidade de analisarmos todas as falas dos personagens do longa, optamos por trabalhar com alguns trechos das falas dos protagonistas de *O auto da compadecida*. Por esta razão, trabalhamos com quatro trechos de falas que marcam a interação entre Chicó e João Grilo. Os trechos analisados na próxima seção foram selecionados mediante a possibilidade de encontrarmos neles fenômenos de variação linguística.

Importante destacar que durante a seleção das falas, desativamos a ferramenta 'legenda' do filme e coletamos os dados de oitiva. Essa opção justifica-se porque uma análise preliminar revelou que, nas legendas, os fenômenos de variação linguística, presentes nas falas dos personagens ao longo de toda a trama, são apagados. Assim, nas legendas é utilizado apenas o modelo de língua que impera na chamada norma-padrão, entendido aqui, como o modelo de língua idealizado e presente nas gramáticas tradicionais (Cf. Faraco e Zilles, 2017).

Em nossa compreensão, essa postura sinaliza um silenciamento dos(as) sujeitos(as) sociais que, assim como Chicó e João Grilo, tendem a usar formas variantes que nem sempre fazem parte da norma padrão. Afinal, como vimos na seção 2, ao se virar as costas para determinadas variantes linguísticas, inferioriza-se um dos principais traços da identidade sociocultural de um povo. São incontáveis os malefícios que atitudes como essas causam aos milhões de brasileiros e brasileiras cuja linguagem se aproxima daquela usada por Chicó e João Grilo. Um dos prejuízos decorrentes do silenciamento de certas variantes linguísticas e que mais inquieta os(as) linguistas, reiteramos, é a exclusão social.

Ainda sobre o tratamento dado aos trechos de fala analisados, cabe esclarecer que, ao recortar os trechos e trazê-los para o universo deste trabalho, tomamos o cuidado de destacar os vocábulos nos quais identificamos fenômenos variáveis, sejam eles estigmatizados socialmente ou não. Na tentativa de representar melhor esses fenômenos, não obedecemos, em muitos casos, as normas de escrita padronizadas. Importante destacar que, como mostraremos na próxima seção, muitos dos fenômenos de variação linguística investigados costumam ser alocados nas dimensões fonético-fonológicas do PB. Por esse motivo, consideramos, em um

primeiro momento, a utilização dos símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (doravante IPA)⁹.

Diante disso, optamos por destacar os vocábulos em que verificamos fenômenos de variação valendo-se do nosso alfabeto ortográfico ainda que isso signifique desobedecer às normas de escrita padronizada de uma ou outra palavra.

4 Análise e discussão dos dados

Nesta seção, apresentamos e discutimos os dados selecionados. Para facilitar as discussões estabelecidas, criamos duas subseções. Assim, na subseção 4.1, abordamos o primeiro questionamento do estudo (Quais fenômenos variáveis constituem trechos de falas dos protagonistas do longa, Chicó e João Grilo?). Já na subseção 4.2, intentamos lançar luz à segunda questão levantada (De que modo alguns fenômenos de variação linguística contribuem para a construção das identidades sociais dos protagonistas da trama?).

Antes de prosseguirmos, é importante esclarecer, ainda, que, na seção 4.1, nos limitamos a apresentar e descrever quais fenômenos de variação encontramos nas falas dos personagens. As correlações entre alguns desses fenômenos e as identidades sociais de Chico e João Grilo serão estabelecidas e discutidas na subseção 4.2

4.1 Fenômenos variáveis nas falas dos protagonistas Chicó e João Grilo

Chicó e João Grilo, protagonistas do longa *O auto da compadecida*, são dois nordestinos, vivendo mais especificamente na cidade de Itaperoá, Pernambuco, por volta da década de 1930. Os personagens criados por Ariano Suassuna movem a trama com suas histórias das quais fazem parte outros personagens, como Eurico padeiro (interpretado por Diogo Viela) e sua esposa Dorinha (interpretada por Denise Fraga), igualmente relevantes para o desenrolar da trama.

Pobres e analfabetos, Chico e João Grilo vivem às margens da sociedade e se valem de sua astúcia e inteligência para tentar sobreviver em um contexto social marcado, dentre outras coisas, pela pobreza causada pela seca e principalmente pelo descaso das autoridades políticas. Em termos mais exatos, cabe dizer que astúcia e inteligência são características atribuídas ao João Grilo, enquanto o Chicó é retratado

⁹ IPA, indicamos a leitura de Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019). Salientamos ainda que, embora a adoção do IPA nos proporcione uma representação mais fiel dos segmentos sonoros do PB, não podemos esquecer que a compreensão de palavras transcritas com base no IPA exige o conhecimento dos símbolos que representam as vogais e as consoantes do PB. Sabemos também que o conhecimento da simbologia do IPA está, no geral, restrito aos linguistas e às linguistas. Ou seja, o(a) leitor(a) leiga(a) nos campos da Fonética e Fonologia poderá ter dificuldades para compreender as transcrições.

como meio 'bobo' e 'covarde' ou 'frouxo', conforme explícito em diferentes momentos do longa-metragem.

Os traços de suas identidades humildes, quase sem nenhum recurso financeiro, são cuidadosamente marcados nos aspectos visuais dos personagens, como as roupas, conforme destacamos na Figura 1:

Figura 1 - Chicó e João Grilo em cena de *O auto da compadecida*



Fonte: <https://twitter.com/tvglobo/status/1358100643236302848>. Acesso em: 19 jan. 2022.

Às suas vestimentas, por exemplo, coadunam-se outros aspectos que marcam fortemente suas identidades sociais. Dentre esses aspectos, focamos em suas falas. Nelas, é possível identificar uma série de fenômenos de variação linguística que, como veremos, fazem parte do português falado no Brasil atualmente.

Dito isto, destacamos os trechos de fala dos personagens Chicó e João Grilo selecionados para análise e discussão sociolinguística estabelecidas nesta subseção.

Trecho de fala 1

João Grilo: Hoje à noite, na capela de Itaperoá, vai passar A paixão de Cristo.

Chicó: Um filme de aventura que mostra um caba sozim, disarmadu e infrentandu o império romano todim.

João Grilo: Não percam a história do vidente que é Deus e homi ao mesmo tempo.

Chicó: Um filme de mistério, cheio de milagres e acontecimentos dotu mundo.

João Grilo: A paixão de Cristo, o filme mais arretado do mundo.

Chicó: E se num for eu cequi!

Fonte: Longa-metragem **O auto da compadecida**: 0 min. 41 seg.

Trecho de fala 2

Chicó: João Grilo, tu acha que cum tanto pão desse jeito eles vão dar pela falta de dois?

João Grilo: Até parece que cê num conhece as pirangage desse povo. Eles contam pão por pão, bem contadinho, e ainda anotam tudinho num caderno que eles têm.

Chicó: A rente diz que foi um rato que cumeu.

João Grilo: E você já viu rato comer pão inteiro assim logo de dois?!

Chicó: A gente diz que foi dois ratu.

João Grilo: Pensa que eles são besta. Vão dizer na cara da rente que os dois ratu são nóis dois. Até que essa história de rato num é de todo ruim. O danado do Chicó de vez em quando até que tem uma boa ideia.

Chicó: Ô João!

João Grilo: Que susto, Chicó! Meu coração chega foi pros pé.

Chicó: Oxe, susto de quê?

João Grilo: Sei lá! Pensei que fosse um rato.

Fonte: Longa-metragem **O auto da compadecida:** 10 min. 26 seg.

Trecho de fala 3

Chicó: Joããããão!!! Tá dando a pilora na cachorra!!!

João Grilo: Tá ca gota! Deve ter sido a cumida.

Chicó: Valha-me Deus!!! Será que nossa cumida tava invenenada?

João Grilo: Demência! Pra quem só comi filé, nossa gororoba é venenu.

Chicó: Acho melhor tu ir ligeiro dar notícia pra patroa.

Fonte: Longa-metragem **O auto da compadecida:** 20 min. 05 seg.

Trecho de fala 4

João Grilo: Mar como foi que num me atinei pra isso antes?! Tua bisavó depositou essas moeda aí tem mais de cinquenta ano. Como eu sou burro! Burro!

Chicó: Magina eu...

João Grilo: Tô cansadu dessa agonia... fica rico, fica pôbi, fica rico, fica pôbi.

Chicó: E eu tô cansadu dessa agonia... fica inteiro, fica sem a tira, fica inteiro, fica sem a tira.

Fonte: Longa-metragem **O auto da compadecida:** 155min.

A análise das falas selecionadas revela a presença de diferentes fenômenos de variação linguística. Dentre eles, destacamos alguns dos mais recorrentes, conforme o Quadro 2:

Quadro 2 – Conjunto de fenômenos variáveis presentes nas falas selecionadas para análise

Fenômeno	Variante não padrão	Variante padrão	Trecho de fala
Expressão de futuro	vai passar vão dar	passará darão	fala 1 fala 2
Alteamento da vogal /E/ em posição pretônica	disarmadu infrentandu cegui invenenada	desarmado enfrentado cegue envenenada	fala 1 fala 1 fala 1 fala 3
Alteamento da vogal /E/ em posição postônica	cegui pobi	cegue pobre	fala 1 fala 4

Alteamento da vogal /O/ em posição tônica	cum dotu	com doutro	fala 3 fala 2
Alteamento da vogal /O/ em posição pretônica	cumeu cumida	comeu comida	fala 2 fala 2
Alteamento da vogal /O/ em posição postônica	ratu disarmadu infrentandu	rato desarmado enfrentando	fala 2 fala 1 fala 1
Simplificação do ataque complexo silábico	todim sozim pobi	todinho sozinho pobre	fala 1 fala 1 fala 4
Desnasalização	homi pirangagi	homem pirangagem	fala 1 fala 2
Monotongação	Dotu	doutro	fala 1
Ausência de marca da concordância verbal	tu acha	tu achas	fala 2
Ausência de marca da concordância nominal	dois ratuØ essas moeda	dois ratos essas moedas	fala 2
Afêrese	tava tô tá cá gota cê magina	estava estou está com a gota você imagina	fala 2 fala 4 fala 3 fala 2 fala 4
Paragoge	Nóis	Nós	fala 2
Aspiração da fricativa /ʒ/ ¹⁰	Rente	gente	fala 2

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Conforme os dados do Quadro 2, as quatro amostras de falas selecionadas revelam uma significativa gama de fenômenos variáveis, dentre os quais destacamos para a discussão: a) expressão de futuro; b) alteamento da vogal /E/; c) alteamento da vogal /O/; d) apócope; e) desnasalização; f) monotongação; g) queda da concordância verbal padronizada; h) queda da concordância nominal padronizada; i) afêrese; j) paragoge; l) aspiração da fricativa /ʒ/.

Sobre a expressão de futuro das formas verbais do atual PB, contamos com duas maneiras de expressar essa categoria gramatical. Em primeiro lugar, temos a possibilidade de usarmos as variantes não padronizadas que, no contexto das falas de Chicó e João Grilo, são: ‘vai passar’ e ‘vão dar’. Constituídas pela chamada perífrase (ir + verbo no infinitivo), essas formas contrastam com as variantes padronizadas para a expressão de futuro, no caso em análise, passarão e darão, respectivamente.

¹⁰ Na ortografia oficial, a fricativa alveopalatal sonora /ʒ/ é grafada, ora como ‘g’ (gente, gema etc.), ora como ‘j’ (jaca, jarro etc.) (SEARA; NUNES; LAZARROTTA-VOLCÃO, 2019).

Em estudo acerca da expressão de futuro, com base em dados de fala do cariri cearense, Alves (2011) aponta que o uso das variantes não padrão, construídas por perífrase, é bastante comum, tanto na fala como na escrita. Segundo o referido estudioso

[...] diferentemente do que se apreende de forma geral da organização e das análises dos tempos verbais na gramática tradicional, o tempo futuro não é expresso, hoje, primordialmente, pelas formas simples do futuro do presente e do futuro do pretérito que são mencionadas nos paradigmas de conjugação. Especialmente na linguagem falada, mas também na linguagem escrita (ALVES, 2011, p. 15).

Sobre o fenômeno variável conhecido como alteamento da vogal pretônica /E/¹¹, sabemos que ele é caracterizado, basicamente, pelo alteamento das vogais média alta 'ê' e média baixa 'é' que passam a ser pronunciadas como a vogal alta 'í', em sílabas pretônicas (ex.: **d**isarmadu, **i**nfrentandu, **i**nvenenada) e/ou pós-tônicas (ex.: cegui, pobi). Reconhecendo a constante ocorrência desse fenômeno na fala dos brasileiros, atualmente, estudos têm sido realizados sobre o alteamento da pretônica /E/, em diferentes regiões do Brasil. Dentre as pesquisas realizadas até aqui, podemos citar os recentes trabalhos de Almeida *et. al* (2018), com base em dados de fala de fortalezenses com alto grau de escolarização e a pesquisa de Dias, Cassique e Cruz (2007), sobre o português rural falado no município de Breves-PA.

Com base nos postulados da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), Almeida *et. al* (2018) verificaram que, na amostra analisada, o alteamento da pretônica /E/ ocorre com uma frequência numericamente menor (13%) do que a vogal média alta 'ê' (87%). Em outras palavras, o estudo de Almeida *et. al* (2018) mostra que, em amostra de fala representativa de sujeitos com alto grau de escolarização situados na capital cearense, variantes como **d**isarmadu e **i**nfrentandu, por exemplo, ocorrem de maneira discreta, em termos numéricos. Por outro lado, Dias, Cassique e Cruz (2007) constataram que, quando se trata de amostra representativa da fala de sujeitos situados na zona rural e com até o ensino médio, o alteamento da pretônica /E/ tende a ser mais 'equilibrado' (57%) e até mesmo prevalece sobre o uso da média baixa (43%).

A breve comparação entre os trabalhos de Almeida *et. al* (2018) e Dias, Cassique e Cruz (2007) mostra que o alteamento da pretônica /E/ ocorre de maneiras diferentes, dependendo da comunidade analisada. Além disso, vemos que, quando se correlaciona o uso da variante alteada 'í' com a escolarização dos falantes, a tendência é que, quanto maior é o grau de escolaridade, menor é a chance de a variante alteada ocorrer. Em sentido oposto, quando os falantes não possuem ensino superior, há uma maior variabilidade na realização da variante alteada 'í'.

¹¹ O arquifone /E/ compreende a neutralização (perda do traço distintivo do fonema) das vogais 'í', 'ê' e 'é', em posição pretônica, e de 'í' e 'é', em posição pós-tônica.

Ao lado do alteamento de /E/, verificamos nas falas dos protagonistas de *O auto da compadecida*, o fenômeno de variação linguística conhecido como alteamento da vogal /O/, em posições pretônica (cumeu), tônica (cum) e pós-tônica (ratu). Em termos simples, o alteamento de /O/ consiste no processo fonético-fonológico em que as vogais média alta *ô* e média baixa *ó* são pronunciadas como a vogal alta 'u' (AMORIM, 2003; ARAÚJO; ALMEIDA, 2013; ALMEIDA *et. al*, 2021).

Esse fenômeno é amplamente estudado à luz de diferentes teorias linguísticas, como a Sociolinguística Variacionista, em diferentes localidades do Brasil. Dentre os diversos estudos acerca do alteamento de /O/, destacamos as recentes pesquisas de Amorim (2009), sobre o falar de sujeitos com ensino superior completo da cidade de Recife-PE; Araújo e Almeida (2013), sobre o falar de sujeitos com até 11 anos de escolarização, na capital do estado do Ceará, Fortaleza; Almeida *et. al* (2021), também com base em amostra de fala representativa da capital cearense, no entanto, considerando apenas sujeitos com ensino superior completo.

Em linhas gerais, os trabalhos de Amorim (2009) e Almeida *et. al* (2021) mostram que, quando se trata do falar de brasileiros e brasileiras com ensino superior completo, o fenômeno do alteamento das vogais média baixas tende a ocorrer com menor frequência. Em sentido oposto, Araújo e Almeida (2013) verificaram que, em amostra de fala fortalezense representativa do comportamento linguístico de sujeitos com até o ensino médio, o alteamento de /O/ tende a ocorrer com uma frequência maior do que as variantes abaixadas (*ô* e *ó*).

Esses resultados mostram que os fenômenos de alteamento das vogais média alta e média baixa ocorre em diferentes metrópoles brasileiras. No entanto, a frequência de uso para as variantes abaixadas e alteada é significativamente diferente, de acordo com a escolarização dos falantes. Ocorre que a tendência verificada é de o alteamento ser mais frequente na fala de sujeitos(as) sem ensino superior completo e bem mais discreto, numericamente falando, no comportamento daqueles(as) com alto nível de escolaridade.

Outro fenômeno de variação linguística encontrado nas falas de Chicó e João Grilo é simplificação do ataque silábico complexo. De acordo com Costa (2006), o ataque complexo ocorre em sílabas formadas por até duas consoantes, ou seja, possuem a seguinte estrutura: consoante + consoante + vogal, a exemplo das palavras 'pobre', 'sozinho', 'todinho' etc. Ainda conforme Costa (2006), a simplificação do ataque silábico complexo ocorre quando a sílaba perde uma de suas consoantes; passando, assim, a constituir um ataque simples com a seguinte estrutura: consoante + vogal. Nas falas de Chico e João Grilo, verificamos a simplificação do ataque silábico complexo nas palavras 'todim', 'sozim' e 'pobi'.

Ademais, verificamos a ocorrência do fenômeno da monotongação. Em linhas gerais, esse fenômeno variável é marcado pela supressão ou apagamento de uma semivogal durante um encontro vocálico (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO,

2019; ARAÚJO; PEREIRA; ALMEIDA, 2017). No contexto das falas analisadas, encontramos a monotongação na palavra ‘dotu’ > ‘doutro’.

Identificamos também o fenômeno conhecido como desnasalização. De acordo com Chaves (2017, p. 37), esse fenômeno de variação linguística é de natureza fonético-fonológica e “tem como alvo de sua aplicação os ditongos nasais átonos em posição de final de palavra, manifestando-se tanto em verbos [...] como em nomes”. Nas falas de Chicó e João Grilo, verificamos o processo de desnasalização nas palavras ‘homi’ > ‘homem’ e ‘pirangagi’ > ‘pirangagem’.

Outros dois fenômenos presentes nos trechos analisados são a aférese e a paragoge. O primeiro diz respeito a supressão de fonemas no início da palavra. De acordo com Mollica *et. al* (1998, p. 72), “A aférese situa-se entre os fenômenos diacrônicos mais produtivos de mudança. Existente no latim e em toda a história do português (cf. Ilari, 1992; Williams, 1975), a aférese se mantém como variação no Brasil no estágio atual da língua, tal como em acabar ~ Øcabar”. Encontramos aférese nas palavras ‘tava’ > ‘estava’, ‘tô’ > estou e ‘cê’ > você, presentes nas falas de Chicó e João Grilo. O segundo fenômeno é a epêntese. Em termos simples, a epêntese compreende o acréscimo de segmentos sonoros no meio de palavras (BOTELHO; LEITE, 2008). No conjunto das falas analisado, localizamos a realização da epêntese na palavra ‘nóis’ > nós.

Acrescemos às discussões estabelecidas até aqui, a presença de mais um fenômeno de variação diretamente relacionado a dimensão fonético-fonológica do PB, isto é, aspiração ou enfraquecimento da fricativa /ʒ/. Em linhas gerais, a pronúncia aspirada de uma fricativa como o /ʒ/ ocorre nas regiões do véu palatino, úvula e glote que constituem o aparelho fonador humano (RONCARATI; UCHOA, 1988). Em função dessas características fisiológicas, a pronúncia do /ʒ/ soa como uma espécie de ‘rr’ ou ‘r’, em início de palavras. Durante a análise das falas dos protagonistas de O auto da compadecida, verificamos a pronúncia aspirada do /ʒ/ na palavra ‘rente’ > ‘gente’.

Encontramos, também, os fenômenos variáveis conhecidos como ausência da marcação da concordância verbal (CV) e da concordância nominal (CN). No caso da primeira, as gramáticas tradicionais impõem que os indicadores de pluralidade presentes no sujeito devem aparecer também no verbo: ‘eles/elas correm’, ‘as bolas são azuis’ etc. No contexto das falas analisadas, verificamos a queda da CV imposta pela tradição normativa na expressão tu achaØ > tu achas, como manda a tradição normativa (BECHARA, 2001).

No que tange à CN, a lógica adotada pela tradição normativa é quase a mesma adotada para o emprego da CV. De modo mais específico, para a CN, a recomendação é que, em caso de sintagmas nominais (SN) constituídos por termos determinantes e determinados¹² (ex.: ‘as meninas’, em que o artigo ‘as’ funciona como o determinante

¹² Sobre as noções de termos determinantes e determinados, indicamos a leitura de Câmara Jr. (2011).
Página | 76

e o nome ‘meninas’, como determinado), as marcas de plural presentes no primeiro sejam mantidas também no segundo (BECHARA, 2001). No uso real que fazemos da CN no hodierno PB, não raramente, verificamos a queda da CN padronizada (CASTILHO, 2014). Afinal, não são raras as ocorrências de expressões como: ‘dois ratuØ’ > ‘dois ratos’ e ‘essas moedaØ’ > ‘essas moedas’, registradas nas falas analisadas. No caso dessas ocorrências, vemos que a noção de pluralidade, presente nos termos determinantes (dois e essas, respectivamente), não é mantida nos termos determinado dos SN (ratuØ e moedaØ, respectivamente).

Estamos cientes de que além dos fenômenos de variação comentados, outros mais estão presentes nas falas de Chicó e João Grilo. De todo modo, acreditamos que os fenômenos apontados oferecem um significativo panorama dos muitos fenômenos de variação linguística presentes nas falas dos protagonistas de *O auto da compadecida*. Ao mesmo tempo, esses fenômenos retratam a natural heterogeneidade do PB, afinal, não é somente nas falas de Chicó e João Grilo que verificamos fenômenos como aspiração de fricativas, alteamento de vogais, apagamento ou inclusão de segmentos sonoros em determinadas palavras, por exemplo, mas também nas falas de milhões de brasileiros e brasileiras.

Ressaltamos que, conforme os postulados da Sociolinguística, nenhum fenômeno de variação linguística acontece aleatoriamente. Na verdade, o uso de uma ou de outra variante linguística que constitui uma determinada regra variável é devidamente condicionado por fatores, sejam eles internos ou externos a língua enquanto sistema. Procuramos mostrar ao leitor e/ou a leitora alguns desses fatores ao comentarmos os três primeiros fenômenos: a) expressão de futuro, b) alteamento da vogal /E/ em posições pretônica e pós-tônica e c) Alteamento da vogal /O/ em posições tônica, pretônica e pós-tônica. Por questões de espaço, não é possível nos determos a todos os fatores internos e externos apontados nos estudos citados ao longo desta subseção e que atuam sobre a realização das variantes linguísticas que marcam o PB. Esperamos, contudo, ter aguçado a curiosidade e disposição do(a) leitor(a) para conferir as pesquisas citadas aqui.

4.2 Variação linguística e a construção das identidades sociais dos protagonistas de *O auto da compadecida*

A questão da(s) identidade(s) certamente pode ser apontada como um dos mais complexos elementos que nos constitui enquanto sujeitos(as) inseridos(as) em uma ou outra sociedade. Não à toa, o fenômeno da(as) identidade(s) move acaloradas discussões no âmbito de diferentes ciências, a exemplo da Sociologia e Linguística. Não é nossa intenção discutir como diferentes correntes teóricas compreendem a questão da identidade.

No entanto, cabe destacar que, aqui, compreendemos o fenômeno da(s) identidade(s) nos termos de Hall (2005). Sociólogo e teórico-cultural, Hall (2005)

defende que a identidade, mais especificamente a identidade dos(as) sujeitos(as) pós-modernos(as), seja pensada não como um fenômeno pronto, acabado, mas sim como um elemento construído historicamente, socialmente e contextualmente. Nessa linha de raciocínio, assumimos diferentes identidades de acordo com o tempo histórico, com as instâncias sociais e contextuais em que nos inserimos.

Além disso, para a construção da(s) identidade(s), concorrem uma série de diferentes fatores, dentre os quais, destacamos a linguagem. Paralelamente a essa visão, o Pretti (2004, p. 34) explica que “Linguagem é um componente essencial no desempenho do papel social do indivíduo, pois, ao falarmos, podemos refletir o tempo em que vivemos, a região em que estamos, ou de onde proviemos e nossa condição sociocultural” (PETRI, 2004, p. 34).

Reconhecendo, portanto, a inestimável relevância da linguagem para a construção das identidades sociais, o segundo objetivo específico desta pesquisa foi refletir sobre como certos fenômenos de variação linguística contribuem para a construção das identidades dos personagens Chicó e João Grilo. Esse interesse justifica-se, ao menos, em função de dois postulados.

Em primeiro lugar, reiteramos que a compreensão das relações entre heterogeneidade linguística e as identidades sociais dos falantes de uma determinada língua, em nosso caso, do PB, é um dos principais interesses dos estudos desenvolvidos sob o viés sociolinguístico. Afinal, entendemos que “nossa língua materna é um componente fundamental de nossa identidade, não apenas como pessoa, mas também como povo” (OLIVEIRA; QUAREZEMIN, 2016, p. 23).

Em segundo lugar, acreditamos que o fato de os comportamentos linguísticos dos personagens de *O auto da compadecida* ser marcado pela heterogeneidade não é arbitrário. Pelo contrário, compreendemos que a construção da dimensão linguística dos personagens do longa reflete um trabalho minucioso e imprescindível para a construção das identidades dos personagens da trama.

Assim, por exemplo, não faria muito sentido construir personagens que nos são apresentados como homens pobres e analfabetos – caso de Chicó e João Grilo – travestidos por uma linguagem que supostamente é falada pelas classes mais abastadas socialmente. Em outras palavras, seria incoerente predominar nas falas de Chicó e João Grilo traços da chamada norma culta ou padrão, amplamente difundidas, por instituições como a escola, nunca frequentada pelos personagens.

Sobre a noção de norma culta, são esclarecedoras as palavras de Faraco e Zilles (2017, p. 19, grifos no original):

Por *norma culta* designa-se tecnicamente o conjunto de características linguísticas do grupo de falantes que se consideram *cultos* (ou seja, a “norma normal” desse grupo social específico). Na sociedade brasileira, esse grupo é tipicamente urbano, tem elevado nível de escolaridade e faz amplo uso dos bens da cultura escrita. A chamada norma culta é uma “norma normal”, porque é uma das tantas normas presentes na dinâmica corrente, viva, do funcionamento social da língua.

A partir disso, vemos que, de fato, para a caracterização social dos personagens Chicó e João Grilo por meio da linguagem, o predomínio da norma culta em suas falas seria desproporcional. Assim, compreendemos que nas falas dos personagens analisados neste trabalho predominam traços daquela que os estudiosos denominam norma popular ou “[...] *português popular*: variedades de origem rural, própria dos segmentos sociais da parte baixa da pirâmide econômica e, portanto, com acesso historicamente muito restrito à educação básica completa e aos bens da cultura letrada” (FARACO, 2015, p. 25, itálico no original).

Importante salientar que não pretendemos aqui alimentar, com base em traços das falas dos personagens Chicó e João Grilo, a visão dicotômica entre norma culta e norma popular. Embora seja fato que há, entre as duas normas, traços que as diferencia ou mais bem lhes caracteriza, também é verdade que os limites entre essas normas são bastante tênues (BAGNO, 2007a). Logo, muitos dos fenômenos de variação linguística mencionados na subseção 4.1 podem ser registrados tanto na norma culta como na norma popular. O que pode distanciar uma norma da outra é, portanto, a frequência com que esses fenômenos são registrados.

Por exemplo, conforme comentamos na subseção anterior, os trabalhos de Almeida *et. al* (2018) e Dias, Cassique e Cruz (2007) apontam frequências diferentes para o fenômeno variável conhecido como alteamento da vogal pretônica /E/, conforme as amostras de fala analisadas. De modo mais específico, vimos, conforme Almeida *et. al* (2018), que em amostra de fala de brasileiros(as) com alto grau de escolaridade e oriundos(as) de uma das maiores metrópoles brasileiras, isto é, Fortaleza, o alteamento da pretônica /E/ em posição pretônica (ex.: infrentandu) ocorre de forma numericamente discreta. Por outro lado, a pesquisa de Dias, Cassique e Cruz (2007) revela que, na fala de sujeitos(as) com pouca ou nenhuma escolarização e residentes em zonas rurais, há o predomínio numérico do alteamento da pretônica /E/.

Encontramos nas falas dos personagens Chicó e João Grilo traços linguísticos que, ora se aproximam mais da norma culta¹³, ora da norma popular¹⁴, fato que nos permite denominá-los de camaleões linguísticos. Sobre esse conceito, Faraco e Zilles (2017, p. 201, grifos nossos) esclarecem

[...] todos os falantes dominam e empregam diversos registros em suas interações nos múltiplos âmbitos da vida social. Ao participar de diferentes interações, familiares, institucionais, de pouca ou muita intimidade, envolvendo diferentes finalidades, cada falante vai estabelecendo um repertório linguístico diversificado do qual ele lança mão tanto para falar quanto para

¹³ Ex.: No trecho de fala 2, localizamos a expressão ‘eles vão’. Aqui, destacamos a manutenção da CV de número padronizada que, de acordo com a pesquisa de Pereira (2021), sobre o falar culto de Fortaleza-CE, tende a ocorrer com frequência maior em amostra de norma culta do que na norma popular.

¹⁴ Ex.: No trecho de fala 2, encontramos a aspiração da fricativa /ʒ/, na palavra ‘rente’ > ‘gente’. De acordo com Rodrigues (2018), esse fenômeno tende a ocorrer com frequência maior em amostras de fala popular do que em amostras de fala culta.

compreender a fala que lhe é dirigida. É por isso que dizemos que todo falante é um *camaleão linguístico*, sendo capaz de adequar, de algum modo, sua expressão linguística aos múltiplos contextos sociointeracionais de que participa.

Diante disso, cabe destacar que, embora possuam habilidades linguísticas que lhes assegura a interação social, a capacidade que Chicó e João Grilo possuem para adequar a sua linguagem às diferentes situações de interação, sobretudo àquelas mais formais, é bastante limitada. Afinal, os personagens de *Ariano Suassuna* são, como já nos referimos, sujeitos pobres, aparentemente sem documentos oficiais de identificação e analfabetos a ponto de não saberem assinar os próprios nomes, como nos é revelado em determinadas cenas do longa-metragem.

Diante disso, lembramos que o papel da escola quanto à ampliação do repertório linguístico dos(as) falantes é de suma importância, visto que a escola promove a aproximação dos(as) educandos(as) de bens economicamente favorecidos e prestigiados socialmente, como as variedades cultas e padrão da língua. Logo, nossa conclusão é: a partir do momento em que são privados(as) de uma educação formal, fica comprometido o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos(as) falantes que tendem a ficar às margens da sociedade letrada.

Nesse sentido, enxergamos na composição dos personagens Chicó e João Grilo uma espécie de denúncia. Afinal, o fato de terem sido privados de uma educação formal e de qualidade lhes negou um direito inalienável, isto é, assinar o próprio nome, bem como estarem cientes de seus direitos e deveres enquanto cidadãos brasileiros.

De igual modo, o fato de que predominam nas falas de Chicó e João Grilo traços de uma variedade menos prestigiada socialmente, somado ao fato de que estão situados na base da pirâmide social, certamente contribui para que esses personagens sejam constantemente inferiorizados por outros que, na trama, estão situados em uma escala mais alta da pirâmide social, como o padre João e o padeiro Euríco, patrão de Chicó e João Grilo. Resta aos protagonistas de *O auto da compadecida*, como já nos referimos, se valerem dos meios que têm para sobreviver.

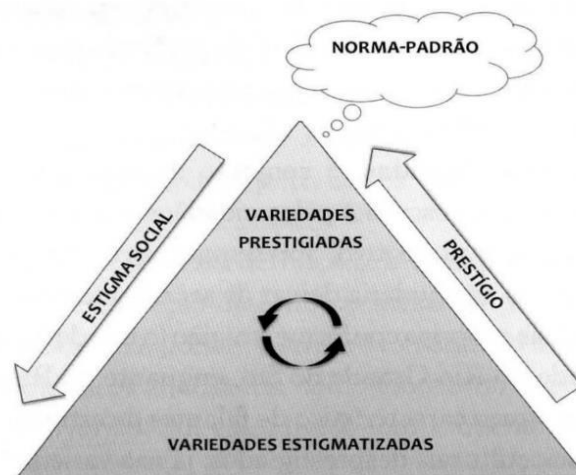
A análise apurada das complexas relações de poder estabelecidas por meio da linguagem entre Chicó e João Grilo e outros personagens certamente nos ajudaria a compreender melhor a composição das identidades sociais dos protagonistas da trama. Porém, poderia nos distanciar dos objetivos traçados para este trabalho ou mesmo reclamaria a consideração de problemáticas que estão além dos limites da sociolinguística. Isso, porém, certamente abre espaço para a realização de trabalhos futuros.

De todo modo, não podemos deixar de lembrar que as atribuições de valores negativos à determinadas variedades linguísticas é, sem sombra de dúvidas, uma das principais formas encontradas pelas camadas sociais mais abastadas para inferiorizar, estigmatizar e, conseqüentemente, excluir milhões e milhões de brasileiros e brasileiras. A esse respeito, lembramos, conforme propõe Bagno (2007b),

que os preconceitos e estigmas lançados sobre as variedades faladas por sujeitos(as) situados(as) na base da pirâmide social ocorre sempre de cima para baixo. Além disso, os(as) sujeitos(as) inferiorizados(as) socialmente pelas camadas mais abastadas enxergam as variedades faladas pelas camadas mais altas como prestigiadas.

Sobre esse esquema, é bastante conhecida a pirâmide de estigma e prestígio linguístico, conforme a posição social dos falantes, elaborada por Bagno (2007b) e que reproduzimos na Figura 2

Figura 2 – Esquema da estigmatização linguística conforme a pirâmide social



Fonte: Bagno (2007b, p. 84).

A inferiorização de determinadas variedades é, portanto, uma das formas usadas pelas camadas sociais mais prestigiadas socialmente para exercerem controle sobre e oprimir àqueles situados na base da pirâmide, como os personagens Chicó e João Grilo. Afinal, nenhum julgamento depreciativo sobre determinadas variedades e suas variantes linguísticas é feito com base em dados linguísticos, isto é, com respaldo científico, como bem atenta Lucchesi (2015, p. 21, grifos do autor)

Do ponto de vista estritamente linguístico, as diferenças que separam a norma culta [também chamada de variedades prestigiadas] da norma popular [ou variedades estigmatizadas] no Brasil não são de grande monta, não afetam aspectos centrais da estrutura gramatical e, salvo em situações excepcionais, não comprometem o entendimento entre utentes de uma ou de outra. Mas essas poucas diferenças são discriminadas e exclui aqueles que dizem “é *craro* que *nós quer* participar!”. O que mais impressiona é que [...] uma boa parcela da população brasileira (a grande maioria dos seus usuários considerados “cultos”) repudia e nega qualquer foro de cidadania à fala popular. Não é preciso mais do que isso para desqualificar quem fala assim como interlocutor e lhe negar quaisquer direitos de cidadania.

As esclarecedoras palavras de Lucchesi (2015) revelam que a natural diversidade linguística que constitui a nossa língua poderia ser compreendida enquanto um elemento de orgulho, visto que é mais um traço que comprova a riqueza

cultural do povo brasileiro. Ao invés disso, às diferenças linguísticas são atribuídos valores sociais distintos com base não em sua natureza, mas sim no status social daqueles(as) que supostamente a dominam. Revela-se, assim, um alarmante e cruel quadro de opressão social por meio de estigmas criados em torno de algumas variantes linguísticas a exemplo de ‘infretandu’, ‘cumida’, ‘dotu’, registradas nas falas de Chicó e João Grilo. Esses personagens, assim como milhões de brasileiras e brasileiros são analfabetos e estão situados na base da pirâmide social; assim como milhões de brasileiras e brasileiros precisam valer-se dos meios que têm, quando têm, para sobreviver em uma sociedade que se revela cada vez mais preconceituosa e excludente.

5 Considerações finais

Neste artigo, realizamos uma análise sociolinguística do longa-metragem O auto da compadecida. Nossos objetivos específicos foram identificar alguns dos fenômenos de variação linguística presentes nas falas dos protagonistas Chicó e João Grilo e refletir sobre como esses fenômenos contribuem para a construção de suas identidades sociais. Nesse percurso, nos deparamos com dois questionamentos: a) quais fenômenos variáveis constituem trechos de falas dos protagonistas do longa, Chicó e João Grilo? b) de que modo certos fenômenos de variação linguística contribuem para a construção das identidades sociais dos protagonistas da trama?

A fim de lançar luz à essas questões, selecionamos trechos de fala dos protagonistas do longa a fim de, sob o viés sociolinguístico, identificar alguns fenômenos de variação e refletir sobre suas possíveis relações com as identidades sociais de Chicó e João Grilo.

Em resposta ao primeiro questionamento, localizamos, no contexto das falas selecionadas, os seguintes fenômenos de variação: a) expressão de futuro; b) alteamento da vogal /E/; c) alteamento da vogal /O/; d) simplificação do ataque silábico complexo; e) desnazalização; f) monotongação; g) queda da concordância verbal padronizada; h) queda da concordância nominal padronizada; i) aférese; j) epêntese; l) aspiração da fricativa /3/.

No que tange o segundo questionamento, concluímos que a reflexão acerca da presença de diferentes fenômenos de variação linguística nas falas das personagens Chicó e João Grilo nos releva um apurado trabalho em aproximar a linguagem dos personagens do português realmente falado no Brasil.

Importante salientar que, verificamos fenômenos de variação que ocorrem com maior ou menor frequência nas variedades consideradas culta e/ou popular. Esses fenômenos aparecem nas falas dos personagens Chicó e João Grilo, indicando que esses personagens fazem uso não apenas de fenômenos de variação linguística mais próximos das variedades populares (a exemplo da aspiração da fricativa / 3/), mas

também das variedades cultas, independentemente da localidade (a exemplo da expressão de futuridade).

Ademais, nossos esforços de reflexão nos colocaram diante de questões complexas, como as relações de poder estabelecidas por meio da linguagem, e que certamente merecem mais atenção. Compreendemos, no entanto, que as questões aqui discutidas mostram como a presença de diferentes fenômenos de variação nas falas das personagens Chicó e João Grilo são de suma importância para a construção da identidade social das personagens focalizadas neste trabalho.

Estamos cientes que, à dimensão linguística dos personagens, outros elementos como vestimentas, costumes etc., são igualmente relevantes para construção de suas identidades sociais. Porém, a análise desses elementos poderia ser mais bem compreendida se dialogássemos com outras áreas da linguística, a exemplo das Teorias do discurso, Semiótica dentre outras, o que não nos foi possível no presente estudo.

Entendemos também que a ampliação do conjunto de falas analisadas, bem como a consideração de outros personagens poderiam nos oferecer uma visão sociolinguística mais apurada do longa-metragem. Acreditamos que tais lacunas não diminuem os méritos deste trabalho. Na verdade, abrem espaço ou mesmo reclamam a realização de estudos futuros.

Referências

- AGOSTINHO, S. R. N. *Variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural na escrita de alunos do ensino fundamental*. 2013. 318f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2013.
- ALMEIDA, B. K. M. de; ARAÚJO, A. A. de; PEREIRA, M. L. de S.; VIANA, R. B. de M. A elevação da vogal /O/ pretônica no falar culto de Fortaleza. *Caminhos em Linguística Aplicada*, Taubaté, v. 24, n. 1, p. 01-21, 2021.
- ALMEIDA, B. K. M., Araújo, A. A. de, Pereira, M. L. de S.; Viana, R. B. de M. O alteamento da vogal /E/ pretônica no falar culto de Fortaleza - CE sob a perspectiva variacionista. *Signótica*, Goiás, v. 30, n. 4, 574–595, 2018.
- ALVES, T. G. L. *A expressão da futuridade nos tipos de discurso do expor e do narrar a partir de textos de língua falada e escrita cearenses*. 2011. 262 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- AMORIM, G. da S. *O comportamento do /e/ e do /o/ pretônicos: um estudo variacionista de língua falada culta do Recife*. 2009. 170 f. Dissertação (Mestrado em Artes e Comunicação) – Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- ARAÚJO, A. A. de; ALMEIDA, B. K. M. de. O alteamento da postônica não final /O/ no falar popular de Fortaleza: um olhar variacionista. *Revista Web Sociodialeto*, Mato Grosso do Sul, v. 3, n. 4, p. 298-308, 2013.
- ARAÚJO, A. A. de; P. M. L. de S.; ALMEIDA, B. K. M. de. Uma fotografia variacionista da monotongação do ditongo [ej] nos dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil. *MIGUILIM – Revista Eletrônica do NETLLI*, Crato, v. 6, n. 3, p. 265-284, 2017.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. 49 ed. Edições Loyola, São Paulo: 2007a.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Editora Parábola, 2007b.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BOTELHO, J. M.; LEITE, I. L. Metaplasmos contemporâneos: um estudo acerca das atuais das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa. Congresso de Letras da UERJ, 2., 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

- CALVET, J. L. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução: Marcos Marcolino. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, R. G. Sociolinguística parte II. In.: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 9. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2012.
- CAMARA JR. J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 44 ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2011.
- CASTILHO, A. de. *Nova gramática do Português brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- COSTA, L. T. da. Ataque complexo no português brasileiro. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 4, n. 7, p. 1-15, 2006.
- CHAVES, R. G. *A redução/desnasalização de ditongos nasais átonos finais e a marcação explícita de CVP6: um estudo de correlação*. 359f. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2017.
- COELHO; I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. de; MAY, G. H. *Para conhecer Sociolinguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- DIAS, M.; CASSIQUE, O.; CRUZ, R. O alteamento das vogais pré-tônicas no português falado na área rural do município de Breves (PA): uma abordagem variacionista. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem: ReVEL*, v. 5, n. 9, p. 01-18, 2007.
- FARACO, C. A. Norma culta brasileira: construção e ensino. In.: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (Orgs.). *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Editora Parábola, 2015, p. 19-30.
- FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. *Para conhecer norma linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.
- FIORIN, J. L.; FLORES, V. do N.; BARBISAN, L. B. Por que ainda ler Saussure? In.: FIORIN, J. L.; FLORES, V. do N.; BARBISAN, L. B. *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 7-20.
- HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Editora Parábola, 2008.
- LUCCHESI, D. *Língua e sociedades partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto Editora, 2015.
- MARGOTTI, F. W.; MARGOTTI, R. de C. F. *Morfologia do Português*. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

- MOLLICA, C. M.; JR. FERRAREZI, C. *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.
- MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- MOLLICA, M. C.; FUNDO, K. H. do; GOMES, L. da S.; OLIVEIRA, M. da S. P.; SILVA, R. F. da. Variação e função em aférese. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, vol. 7, n. 2, p. 71-87, 1998.
- MOURA, H. CAMBRUSSI, M. *Uma breve história da linguística*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2018.
- OLIVEIRA, R. de; QUAREZEMIN, S. *Gramáticas na escola*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016.
- PAGOTTO, E. G. *Variação é identidade*. 2001. 454f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- PEREIRA, M. L. de S. *Variação na concordância verbal de 3ª pessoa do plural nos falares culto e popular de Fortaleza-CE*. 2021. 296f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2021.
- PINTO, M. de B. Linguagem, identidade e variação linguística em O auto da compadecida, de Ariano Suassuna. *RECIMA 21 – Revista Científica Multidisciplinar*, Maranhão, v. 2, n. 10, p. 1-12, 2021.
- PRETTI, D. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- RODRIGUES, A. G. P. *Variação e atitudes linguísticas na realização de fricativas no falar de Fortaleza – CE*. 2018. 283f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.
- RONCARATI, C. N.; UCHOA, J. A. C. Enfraquecimento das fricativas sonoras. In.: ALMEIDA, M. R.; ARAÚJO, M. F. (Orgs.) *Projeto Dialetos Sociais Cearenses*. Fortaleza: UFC, 1988, p. 22-37.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Editora Parábola, 2005.
- SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. *Fonética e Fonologia do Português brasileiro*. (Coleção Para conhecer). São Paulo: Editora Contexto, 2019.

SILVA, J. da; SANTOS, R. L. de A. A influência da escolaridade no processo de variação de concordância na língua usada em Serra Talhada. *Revista A cor das letras*. Feira de Santana, v. 19, n. Especial Dossiê: VII Encontro de Sociolinguística, p. 124-139, março de 2018.

SOUZA, A. JR. de; MATOS, D. P. de. Estudo e tradução do capítulo “De metaplasmos” da *Ars Grammatica* de Élio Donato. In.: FRANÇA, M.; SOUZA, A. JR. de; GRANGEIRO, C. R. P.; PEREIRA, M. L. de S. (Orgs.). *Estudos linguísticos e literários: abordagens*. São Paulo: Editora Letraria, 2021, p. 373-395.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

VIEIRA, S. R. A não-concordância em dialetos populares: uma regra variável. *Graphos*. João Pessoa, ano II, v. 2, n. 1, 1997.

VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 16 ed. Trad.: Michel Lahud e Yara Vieira. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

WEEDWOOD, B. *História concisa da Linguística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editora, 2002.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Editora Parábola, 2006.

Sociolinguistic Analysis of the feature film *O auto da compadecida*

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicity:

Fluxo contínuo

Volume 7

Number 1

Received in: 15/03/2022

Approved in: 27/05/2022

Abstract:

In the light of Sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), in this article, we carry out an analysis of the feature film *O auto da compadecida*. Given the opportunity to analyze the speeches of all the characters in the feature, we selected four excerpts from the speeches of the protagonists of the plot that mark the interaction between the protagonists of the plot, namely: Chicó and João Grilo. From this, we will identify some of the linguistic variation phenomena present in excerpts from the speeches of the protagonists of *O auto da compadecida*. Likewise, we understand the phenomena of linguistic variation contributing to the construction of their social identities. The methodology used is characterized as qualitative and interpretive of bibliographic knowledge. Our theoretical contribution is based on constructions, built in the field of Sociolinguistics, which we dialogue with essays and studies (2008 [1972]), Faraco and Zille Bagno (2007a, 2007b), Bortoni-Ricardo (2004), among others. From this, we identified and analyzed, under the sociolinguistic bias, the feature film *O auto da compadecida*. The analysis of the speeches for this study reveals a range of different phenomena of linguistic variation, for example, the raising of the pretonic vowel /E/; the alternation of pretonic /O/; an apocope; denasalization; monophthongization; the fall in verbal and nominal agreement. Among his long speeches that we have reached, it is worth noting that linguistics marks the language of the characters Chicó and João Grilo, appearing only as a striking element of the protagonist, but also as a social phenomenon of the protagonists for the construction of the essential identities of the protagonist's feature film *O auto da compadecida*.

Keyword:

The pity's self; Sociolinguistics; Linguistic variation.